

## A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM INSTITUCIONAL DE DEUS EM PARTIDO ALTO DE CHICO BUARQUE DE HOLLANDA.

Mestrando. Tiago Nero Calles (PUC/SP)

**PALAVRAS-CHAVE:** Chico Buarque, Deus, poesia, imagem.

### Introdução

Há quatro décadas despontava aquele que segundo Afrânio Coutinho foi o melhor poeta brasileiro da última geração: Chico Buarque de Hollanda. A poética de Chico Buarque versifica o Brasil e os brasileiros com particularidade, abordando aspectos cotidianos da vida do homem comum, representando sentimentos que podem ser divididos por pessoas das mais diferentes classes sociais e culturais. Chico Buarque faz uso das palavras para representar suas maiores inquietações, e foi por meio delas que se tornou poeta, pois relevou o valor semântico das mesmas, utilizando-as como matéria prima nas discussões dos mais importantes temas brasileiros. Adélia Bezerra de Meneses (2000, p. 17) declara que as palavras adquirem nos textos buarquianos “algo de alquímico, algo de mágico”, o que faz de Chico Buarque “um artesão da linguagem”.

Chico Buarque articula as palavras em seus poemas como se usasse **tijolo com tijolo num desenho lógico**, e, dessa maneira, retrata os dramas, as tragédias e as alegrias do dia-a-dia da população brasileira. O que nos chama a atenção em sua obra é o fato desses diferentes sentimentos estarem ligados a uma característica de seus poemas, qual seja: a marcante presença de Deus. *Seja o que Deus quiser* (Noite dos mascarados), *o que eu tenho/eu devo a Deus* (Bancarrota Blues), *E eu que não creio peço a Deus por minha gente* (Gente Humilde), *Se você crê em Deus/Erga as mãos para o céu* (Sob medida), *Não sei por que deus/ela jura que tem coração* (Ela faz cinema) são apenas alguns versos da gama de textos que apresentam essa temática.

Leonardo Boff (2004, p. 93) tece comentários sobre a presença de Deus nas canções *Deus lhe pague* e *Gente Humilde*, recuperando uma velha questão suscitada por Jó: como combinar o Deus bom pregado pelas mais diferentes religiões com o mundo caótico em que vivemos? Transferimos essa questão para a obra de Chico Buarque e perguntamos: de que maneira Deus é representado na poética buarquiana?

Essa questão nos instigou a desvendar esse universo que ainda não foi explorado na obra de Chico Buarque e para respondê-la analisaremos o poema *Partido Alto*.

A análise literária que realizaremos seguirá o conceito exposto por Alberto Pimenta em *O silêncio dos poetas* (1978, p.15), o qual afirma que:

A forma na arte é a sua razão de ser como coisa autônoma e como representação concreta. A forma, resultado de trans-formação e não de formação em sentido demiúrgico, liga-se à realidade como um cordão umbilical. (PIMENTA, 1978, p.15)

Dessa maneira, enfatizaremos na análise os elementos concretos e estruturais do texto selecionado, pois entendemos que há no campo artístico uma inter-relação entre

conteúdo e forma, ou seja, os elementos estruturais do texto são selecionados, escolhidos e organizados visando ativamente o tema proposto. Acreditamos que na poética buarquiana os elementos estruturais são selecionados com a finalidade de possuir e de transmitir significados, que esses elementos possuem um compromisso social e não apenas uma função lúdica.

### **A desconstrução da imagem institucional de Deus em Partido Alto.**

O poema *Partido Alto* (escrito em 1972) apresenta-nos um eu-lírico que se contradiz o tempo todo, ora acreditando que Deus acabará com seus problemas, ora culpando-o pelos problemas que possui.

Durante a leitura desse texto não encontramos qualquer dificuldade de compreensão do vocabulário, pois o seu significado é o mais óbvio possível. A ausência de um vocabulário difícil é muito importante para conferir à letra um tom altamente popular, o que, inclusive, é reforçado por outros elementos contidos no texto, os quais serão detalhados posteriormente. O que nos cabe por hora é apresentar os termos e expressões que caracterizam esse poema selecionado como popular, acrescentando que algumas delas recebem tal significação em dicionários de uso corrente no país.

- “Diz que” (versos 1, 2 e 6), uma forma muito utilizada em conversas do dia-a-dia sugerindo um boato.
- “ô nega” (versos 3, 5 e 7), é uma palavra de origem brasileira, familiar e popular, é um modo muito informal de dirigir a palavra a uma pessoa.
- “E se Deus não dá” (verso 4), nesse caso temos o verbo conjugado fora dos padrões da norma culta propositalmente, para refletir a fala popular. Essa forma está conjugada na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, quando a intenção do eu-lírico era de passar uma idéia futura. Sendo assim, a forma culta seria o futuro simples do subjuntivo “der”.
- “cabreiro” (verso 12), é uma palavra de origem brasileira e popular, geralmente utilizada para gerar desconfiança.
- “Na barriga da miséria” (verso 13), expressão popular que expressa a pobreza em que as pessoas vivem.
- “batuqueiro” (verso 13), freqüentador de batuques, o que nos remete a ritmos musicais como o samba, que é o estilo musical mais popular do país.
- “inda me paga” (verso 15), expressão utilizada para expressar o descontentamento com alguém.
- “coisica” (verso 16), diminutivo de coisa, que é uma palavra bastante utilizada para caracterizar uma pessoa como um objeto, tratando-a com descaso.
- “ronco da cuíca” (verso 18), som do instrumento característico da escola de samba, remetendo-nos à maior e mais popular festa brasileira, o carnaval.
- “cara” (versos 10 e 20), gíria brasileira que caracteriza uma pessoa desconhecida.
- “titica” (verso 16), palavra popular cujo significado é excremento de aves, ou merda, usada geralmente para insultar alguém.
- “que eu já tô de saco cheio” (verso 24), uma expressão chula, que tem como sentido mostrar o aborrecimento com determinada coisa.

- “mão de veludo” (verso 25), gíria, indicando um gesto de quem busca disfarçadamente tocar com a mão algo que pertence à outra pessoa com intenção de furto.
- “corre atrás de bola” (verso 28), caracteriza com essa ação o esporte mais popular do Brasil, o futebol. Além desse sentido, essa ação pode ter um outro significado, sendo o ato de procurar drogas, pois “bola” é uma gíria muito utilizada para denominar alguns tipos de drogas.
- “um dia ainda sou notícia” (verso 29), expressão que caracteriza o desejo do brasileiro em tornar-se uma pessoa popular, famosa.
- “Deus dará” (versos 2 e 9), expressão popular que possui diversos sentidos, como: à ventura, ao acaso, à toa, sem rumo e a esmo.

Ao usar essa grande variedade de recursos lingüísticos – gírias, expressões populares, simplicidade de vocabulário e palavras que nos remetem aos costumes da população – Chico Buarque constrói um universo totalmente popular. Desse modo, o leitor ao deparar-se com um texto recheado de elementos populares, é induzido a levar em consideração, durante sua leitura, uma série de fatores sociais e culturais, que fazem parte do dia-a-dia da população.

Por meio da instalação desse universo, tem-se também a construção de uma ideologia popular que, nessa música, baseia-se na religião e está representada na crença do Deus dará. João Calvino discorre na obra *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã* (1989, p. 181), que a população é persuadida pela Instituição religiosa a acreditar:

que Ele (Deus) é guia e protetor e, destarte, à guarda toda as Lhe entrega; porque [O] (Deus) entende ser o autor de todo bem, se algo a oprime, se algo falta, de pronto à proteção se Lhe recolhe, dEle (Deus) esperando assistência; porque está persuadida de que Ele (Deus) é bom e misericordioso... (CALVINO, 1989, p. 181)

Tem-se então em *Partido Alto*, a ideologia religiosa da população, formada através da Visão Institucional de Deus (igreja).

Esse tom altamente popular da canção confirma-se quando analisamos a categoria que Salvatore D’Onofrio na obra *Poema e narrativa: estruturas* (1978) denomina como estrato-fônica. Nota-se que as rimas em *Partido Alto* são pobres, pois as letras igualam-se a partir da vogal tônica. Esse tipo de rima é muito utilizada em músicas infantis e folclóricas.

(verso 11) “intEIRO”

(verso 13) “batuquEIRO”

(verso 15) “explICA”

(verso 17) “canjICA”

(verso 20) “fEIO”

(verso 22) “mEIO”

(verso 27) “malÍCIA”

(verso 25) “carÍCIA”

“cabrEIRO” (verso 12)

“Rio de JanEIRO” (verso 14)

“coisICA” (verso 16)

“cuÍCA” (verso 18)

“rechEIO” (verso 21)

“despentEIO” (verso 23)

“polÍCIA” (verso 28)

“notÍCIA” (verso 29)

Além de confirmar o tom popular, a categoria estrato-fônica refere-se também à interpolação dos sentimentos que se percebe na letra. Isso pode ser notado por meio da segmentação da rima. Nota-se que na primeira estrofe, onde temos o conflito na música, as rimas são misturadas (AABABABBA), indicando a instabilidade do eu-lírico em relação à crença.

Outro elemento fônico que podemos encontrar no texto é a aliteração. Em *Partido Alto* temos esse elemento na primeira estrofe, aparecendo com maior evidência nos dois primeiros versos.

*Diz que deu, diz que dá  
diz que Deus dará.*

Nesses versos tem-se a repetição das consoantes D, Z e Q que associadas ao ritmo musical produz um som semelhante às batidas de um relógio podendo indicar a passagem do tempo.

Também é importante observar o título da música. Salvatore D' Onofrio (1978) diz que o título é a “cabeça do poema”, que ele sugere uma série de coordenações e subordinações que são ligados ao texto. Notamos então que o título é formado na sua maioria por consoantes momentâneas (1P, 2T, 1D), que são as explosivas; próprias a qualquer idéia de choque. Esse recurso utilizado pelo autor condiz com o estado de conflito que vive o eu-lírico, passando-nos uma sensação de clima tenso.

Essa série de elementos estrato-fônicos refere-se a duas importantes características pertencentes ao texto. A primeira delas é o tom altamente popular da canção que é reforçado através da rima pobre. Já a segunda, com o uso da rima emparelhada, aliteração e consoantes momentâneas, as quais remetem-nos à agonia, à interpolação dos sentimentos e ao clima tenso que cerca o eu-lírico.

Desse modo, temos um confronto criado entre a ideologia do Deus dará e a interpolação dos sentimentos que é formada pela variação entre o crer e o não crer.

Erich Fromm trata esse assunto da contradição da crença em seu livro *A arte de amar* (s/d, p. 37) sobre a lógica paradoxal. Segundo os mestres da lógica paradoxal, “o homem só pode perceber a realidade em contradições e nunca pode perceber em pensamento a realidade final, o próprio Um”. Partindo dessa lógica podemos afirmar que o conflito existente em *Partido Alto* traz reflexão porque existe a contradição e que essa reflexão está centrada na discussão sobre a Visão Institucional de Deus.

Assim, percebemos neste tópico, que o eu-lírico questiona a crença da população, construindo uma imagem de Deus oposta à dita anteriormente, ou seja, são feitos questionamentos para perceber a realidade.

Os elementos pertencentes à categoria gramatical reforçam os aspectos citados anteriormente. Observamos então, que o texto contém um grande número de pronomes pessoais na primeira pessoa do singular (15 no total, sendo 4 pronomes retos “eu” (versos 8, 13, 14 e 24) e 11 pronomes oblíquos “me” (versos 8, 11, 12, 15, 20, 22, 23, 25, 26 e 27). Esses pronomes enfatizam a canção como popular, pois é um reflexo puramente do povo. Edgar Palhano em *A língua popular* (1958), faz um comentário sobre os pronomes na língua popular, dizendo que a população utiliza geralmente durante a fala pronomes na primeira pessoa do singular e plural, e enfatiza que os outros pronomes quase não são usados.

Além dos pronomes, o texto contém outros elementos que possuem importância fundamental na análise, como as conjunções. Citaremos os versos 3 e 4 para observarmos as funções que elas exercem no poema:

*não vou duvidar, ô nega  
E se Deus não dá*

Percebemos então, que a conjunção “E” desempenha uma função adversativa no verso, e não aditiva (idéia de mas), opondo-se desse modo ao verso anterior. Temos também nesse verso, a conjunção condicional “se”, passando uma idéia de hipótese, não de ação. Essas conjunções remetem-nos ao conflito em que vive o eu-lírico, pois observamos que no verso 3 ele declara que duvida, mas no verso seguinte, ao utilizar as conjunções, as quais nos referimos, o eu-lírico entra em contradição com tal afirmação.

A construção dos dois primeiros versos,

*Diz que deu, diz que dá  
diz que Deus dará*

também corresponde à contradição e ao conflito criado no poema. Notamos que o autor utiliza o verbo dar conjugado em três tempos verbais diferentes: o pretérito perfeito do indicativo “deu” (versos 1 e 6); o presente do indicativo “dá” (versos 1 e 6); e o futuro do indicativo “dará” (versos 2 e 9). Ao unir esses três tempos verbais com a forma “diz que” (versos 1, 2 e 6), a qual citamos anteriormente, é utilizada em conversas corriqueiras, gerando boato, que por sua vez não é algo certo, o autor cria esse ambiente conflituoso encontrado na música.

Notamos então, que por meio dos pronomes, das conjunções e da conjugação do verbo dar, o compositor não só reforça, mas confirma o confronto existente no poema, pois os elementos gramaticais referem-se tanto ao tom altamente popular da canção, à crença do eu-lírico quanto à realidade vivida pelo mesmo.

## Conclusão

De acordo com o que vimos ao longo dessa análise, podemos perceber que todos os elementos estudados levam a duas importantes características. A primeira é o tom altamente popular da canção; e a segunda à interpolação dos sentimentos do eu-lírico.

Na construção popular do texto, Chico Buarque utiliza-se de expressões populares e chulas, gírias, simplicidade de vocabulário, ações e palavras que nos remetem aos costumes da população, rima pobre e pronomes pessoais na primeira pessoa do singular. Com isso, como já dissemos, é feita a construção popular da imagem de Deus. A população é determinada a acreditar na crença do “Deus dará”. Esse determinismo é fundamental na ideologia popular que cria uma imagem de um Deus que tudo faz. Erich Fromm, em *A arte de amar*, denomina essa imagem como a de “Deus do aspecto matriarcal da religião”, na qual Deus desempenha a figura materna, que faz tudo por seus filhos independentemente das atitudes tomadas por eles. Assim, temos a construção da imagem Institucional de Deus.

Já a interpolação dos sentimentos é constituída através de elementos estratofônicos (aliteração, rima misturada e consoantes momentâneas) e elementos gramaticais (conjunções adversativas e condicionais, e conjugação do verbo dar em diferentes tempos verbais). Desse modo, cria-se um questionamento sobre a Visão Institucional de

Deus, pois através dela tenta-se levar a população a uma reflexão sobre sua ideologia. Temos assim, o confronto entre a Visão Institucional de Deus e a realidade em que a população vive, ou seja, a Visão Secular de Deus.

Dessa maneira, Chico Buarque, por meio dos elementos concretos do texto, os quais vimos no decorrer da análise são possuidores de sentido e comprometidos com o assunto que o poeta aborda, desconstrói a imagem Institucional de Deus, confrontando-a com imagem real de Deus, temos assim, em Partido Alto a desconstrução da imagem institucional de Deus.

## **Referências bibliográficas**

CALVINO, J. **As institutas ou tratado da religião cristã**. Tradução Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: CEP e Luz para o caminho, 1989.

D'ONOFRIO, S. **Poema e Narrativa: Estruturas**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

FERNANDES, Rinaldo. **Chico Buarque do Brasil**. São Paulo: Garamond, 2004.

FROMM, E. **A Arte de Amar**. Belo Horizonte: Itatiaia. (Perspectivas do Mundo).

MENESES, Adélia Bezerra de. **Desenho mágico: poesia e política em Chico Buarque**. 2. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

PALHANO, H. **A Língua Popular**. “Organizações Simões”: Editora Rio, 1958.